

## Dossiê II Workshop de Filosofia e Historiografia da Linguística

Devido ao sucesso do I WFHL, realizado em novembro de 2020, fomos estimulados a lançar uma segunda edição, dessa vez realizando uma ideia antiga: um evento em homenagem ao professor José Borges Neto. O professor Borges, o principal nome no campo da Filosofia da Linguística no Brasil, foi nosso principal mentor nesse campo de pesquisa, além de ter tido papel de destaque já na primeira edição. O II WFHL ocorreu de maneira remota de 10 a 12 de novembro de 2021, sediado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, em colaboração com o Centro Universitário Santa Cruz (representado pela professora Gissele Chapski) e com a Universidade Estadual de São Paulo, (representada pelo Professor Alessandro Beccari).

Os eventos principais do congresso, uma mesa-redonda e 2 conferências principais, foram dedicadas ao homenageado, congregando os professores Ana Muller (USP), Carlos Alberto Faraco (UFPR), Cristina Altman (USP), Lígia Negri (UFPR) e Rodolfo Ilari. Foram apresentadas 41 comunicações em dois eixos principais: o da homenagem ao Prof. Borges e o de Filosofia e Historiografia da Linguística. Parte desses trabalhos integram um livro, a sair brevemente, em homenagem ao professor Borges. Dos demais apresentadores, alguns escolheram submeter trabalhos a este dossiê. Os trabalhos aqui apresentados cobrem uma ampla gama de épocas (desde a Idade Média até a Linguística Moderna) e reflexões sobre diferentes línguas: do grego antigo ao português e às línguas africanas e indígenas brasileiras.

O texto que abre a coletânea, *Notabilia Alcobacensis: um Tratado Medieval Português*, de Alessandro Beccari, apresenta o texto de autoria do monge espanhol Juan Rodríguez de Caracena (*fl. ca. 1400-1427*), situando-o como representante da vertente meridional da gramática latina no período, conhecido como *gramática positiva* do sul da Europa. Especificamente, Beccari demonstra como o *Zeitgeist* desse período tardio do Escolasticismo Europeu se reflete na reflexão linguística em Portugal, numa época que antecede o surgimento de uma tradição gramatical portuguesa sobre o português. Para além da influência escolástica, Beccari observa semelhanças formais e de interesse com as *Grammaticae Prouerbiandii* espanholas e com as *Notabilia* do italiano Giovanni da Soncino. Além disso, apresentam um grande número de exemplos em português arcaico, que são discutidos de acordo com o modelo das gramáticas latinas, representando um marco para os primórdios das reflexões linguísticas sobre o português.

O texto de Everton Bernardes, *A Recepção de Johan Nicolai Madvig na Linguística Alemã do Século XIX* dá conta de a publicação dos *Kleine philologische Schriften*, de 1878, foi recebida pelos linguístas alemães do círculo dos Jovens Gramáticos, a partir da resenha feita por Karl Brugmann. Apesar de as ideias de Madvig ressoarem muitas das críticas feitas às concepções linguísticas dominantes nos comparatistas da

época, por William Whitney, além de defenderem uma posição basicamente semelhante, ainda que obtida por um percurso totalmente independente, com relação à concepção da língua como arbitrária e o uniformitarismo, considerado uma das influências mais importantes dos Jovens Gramáticos, Brugmann parece não reconhecer essa convergência e a relevância dessas ideias, o que leva Bernardes a aventar duas hipóteses: ou Brugmann ainda não está totalmente convencido dessas ideias em 1878, ou pretendia evitar a divulgação de conceitos semelhantes aos veiculados na obra de Whitney, que ainda se encontrava em processo de tradução para o alemão por Leskien.

Caio Geraldes discute, em *Atração Infinitiva, Assimilação, Transmissão ou Concordância: Notas sobre a Literatura em Grego Antigo*, a caracterização na obra de gramáticos do século XVI ao século XX da assim chamada atração infinitiva em grego antigo – o fenômeno em que um constituinte da oração infinitiva que serve de predicativo do sujeito recebe o mesmo caso que um constituinte da oração principal. O autor mostra que as explicações para o fenômeno mantêm a posição de que a construção mais típica do latim (tipo *accusatiuum cum infinitiuum*) é considerada não-marcada e que a atração infinitiva é considerada uma idiosincrasia do grego, variando entre os que procuram a causa da presença dessa construção em fenômenos extralinguísticos e os que preferem uma explicação “mecânica”, posição retomada por análises gerativistas da segunda metade do século XX. Por fim, são apresentadas análises mais recentes, em que se reconhece a interferência de fatores tanto semânticos como pragmáticos.

4 Em *A Obra de Julius Platzmann e a Linguística Missionária no Brasil*, Leonardo Ferreira Kaltner discute a leitura crítica, feita por Platzmann, do fenômeno da mudança de [r] a [n] na gramática de Anchieta. Julius Platzmann (1832-1906) foi um gravurista alemão, nascido em Leipzig, que esteve no Brasil entre 1858 e 1864, ocasião em que travou contato com a flora e fauna local, bem como com as línguas indígenas. Platzmann traduziu para o alemão a *Grammatica da Lingoa mais Falada na Costa do Brasil*, do padre José de Anchieta. A tradução foi publicada em Leipzig, em 1874, e chamou a atenção do público e dos acadêmicos alemães para as línguas indígenas do Brasil. Kaltner mostra que a obra de Platzmann reflete as renovações científicas da Filologia e da Linguística modernas no cenário europeu oitocentista.

*Morreu mas Passa Bem: o Fonema como Última Revolução Tecnológica*, de Gustavo Nishida, reavalia o abandono da noção de fonema pelas teorias fonológicas, quando da adoção do traço e do gesto. Na visão do autor, embora possa ser visto como superado pelas teorias que adotam como primitivo o traço acústico articulatorio, ou gesto articulatorio, o fonema persiste como mudança gestáltica. Essa mudança corresponderia, na análise de Nishida, a uma revolução científica ainda não superada, em que pese as teorias fonológicas vigentes o tenham implodido como objeto teórico. Marca o limite (externo?)

de um conjunto de fenômenos mais complexos e cujo conhecimento mais profundo ainda está para ser totalmente determinado, o fonema funciona como a casca de um ovo (na metáfora do autor): a casca permite que o ovo seja manipulado. Ainda que não seja literalmente a casca (a casca do ovo real é um dos elementos de sua estrutura), essa metáfora nos permite ver o fonema como limite impreciso de uma unidade talvez aparente, mas que pode (e precisa) ser manipulada nos momentos em que o signo linguístico (palavra, morfema) precise ser (d)escrito, sem necessidade de especificações com relação ao gesto e/ou traço, como efetivamente se faz nos outros “níveis” da descrição linguística.

Eduardo Ferreira dos Santos e Alberto Hungulo fazem um apanhado de gramáticas do quimbundo, em *O Pensamento Linguístico em Manuais do Quimbundo*. O escopo da análise cobre praticamente todo o século XIX: desde as *Observações grammaticae*, de 1805, de Bernardo Maria de Canecattim, até a *A Língua de Angola*, de Ladislau Batalha. Os autores observam que predominam nessas obras o propósito missionário da evangelização do povo angolano e um modelo de gramatização puramente europeu, ainda que nas obras mais recentes haja um apontamento do quimbundo como língua do povo angolano.

Francivaldo Lourenço da Silva analisa as concepções linguísticas do emblemático pioneiro da linguística brasileira em *O Problema da Sintaxe em Mattoso Câmara Jr.: Explorando Alguns Papeis de Arquivo sobre o Assunto*. Analisando com base tanto no interesse processual como documental, Lourenço debruça-se sobre o sistema de ideias do linguista carioca, sobretudo no que diz respeito às concepções sobre a sintaxe, identificando as ideias principais, a partir da noção de ideia de Sylvain Aurox. A partir dessa análise, o autor identifica os três movimentos teóricos que caracterizam a obra de Câmara Jr.: a sintaxe psicológica, no início de sua produção em linguística geral; a sintaxe lógica e a estilística (que Lourenço caracteriza como uma espécie de sintaxe do discurso); e a sintaxe estrutural, que caracteriza a fase final da reflexão linguística do autor estudado.

Gissele Chapanski  
Márcio Guimarães